



A AGROECOLOGIA E AS DIVERSIFICADAS ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO DA AGRICULTURA CAMPONESA

THAISSON RODRIGUES DE CAMPOS^{1,2}, ROBERTO ANTÔNIO FINATTO^{2,3}

1 Introdução/Justificativa

A agroecologia pode ser considerada um projeto sustentável para o campo, já que utiliza insumos orgânicos no processo de produção, atende as necessidades de autoconsumo das famílias, diversifica a produção agropecuária e possibilita a geração de renda. A agricultura camponesa, por sua vez, diante da histórica autonomia relativa que possui em relação ao mercado, da disponibilidade de mão de obra e de produtos para a manutenção da família se constitui como o segmento que melhor comporta os princípios da agroecologia.

A agroecologia rompe, portanto, com a lógica do agronegócio já que não se estrutura para atender exclusivamente as exigências do mercado consumidor por meio de relações de trabalho tipicamente capitalistas. Assim, além da substituição de insumos convencionais por aqueles orgânicos, a agroecologia se projeta considerando os diferentes aspectos relacionados com a produção agropecuária, ou seja, abrange a questão ambiental, social, cultural, econômica e política (FINATTO, 2016).

Este texto contextualiza a prática agroecológica, enquanto estratégia de reprodução da agricultura camponesa, em duas diferentes áreas da reforma agrária no estado do Paraná: o Acampamento Maila Sabrina, localizado no município de Ortigueira, mesorregião Centro-oriental do estado e o Assentamento Dorcelina Folador, município de Arapongas, mesorregião Norte central do Paraná.

2 Objetivos

O objetivo principal do trabalho foi analisar a importância da agroecologia para a reprodução socioeconômica da agricultura camponesa apresentando diferentes situações em que ela é praticada.

1 Acadêmico do curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas - Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Laranjeiras do Sul, **Bolsista UFFS**, contato: thaisson.rodriguescampos6@gmail.com

2 Grupo de Pesquisa em Educação do Campo, Cooperação e Agroecologia (GECCA)

3 Doutor em Geografia, professor da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Laranjeiras do Sul, **Orientador**.



3 Material e Métodos/ Metodologia

A pesquisa foi realizada com base em revisão teórica e pesquisa de campo. Com o objetivo de analisar diferentes situações em que a agroecologia é desenvolvida foram realizados trabalhos de campo no Acampamento Maila Sabrina e no Assentamento Dorcelina Folador, duas áreas ocupadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). A pesquisa de campo no Acampamento Maila Sabrina com observação participante, realização de entrevistas e registro fotográfico ocorreu entre setembro e dezembro de 2017. A realização de entrevistas e visitas nas unidades de produção do Assentamento Dorcelina Folador ocorreu em julho de 2018. No total, foram realizadas 10 entrevistas com informantes qualificados e camponeses que praticam a agroecologia nas áreas citadas.

4 Resultados e Discussão

A agricultura camponesa apresenta como um traço da sua identidade a capacidade de produção independente das exigências do mercado. Assim, o camponês se coloca como autor de seu próprio desenvolvimento, encontrando soluções para os problemas sociais e econômicos a partir do trabalho que desenvolve com a família. Isso possibilita aumento da sua autonomia relativa. Ao tratar do tema, Ploeg (2009, p.17) afirma que “a condição camponesa consiste na luta por autonomia e por progresso, como uma forma de construção e reprodução de um meio de vida rural em um contexto adverso caracterizado por relações de dependência, marginalização e privação”.

Nesse sentido, para garantir a sua reprodução socioeconômica e superar as adversidades do sistema econômico capitalista é fundamental que o camponês desenvolva processos produtivos que considerem a sua realidade social, econômica e as condições ambientais da unidade de produção. A agroecologia serve a esse propósito já que “os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população” (LEFF, 2002, p.37). Entretanto, embora exista um potencial cultural e ecológico para o desenvolvimento da agroecologia, a sua efetivação requer um conjunto de ações que não depende apenas do interesse dos camponeses.

O acampamento Maila Sabrina, localizado no município de Ortigueira, é formado por aproximadamente 220 famílias. A ocupação ocorreu em janeiro de 2003 e, mesmo após mais de 15 anos, as famílias ainda não conquistaram a terra. Essa situação dificulta a organização e impacta diretamente no desenvolvimento da agroecologia, como um entrevistado aponta: “vai



melhorar pra gente quando sair o lote, quando tiver o pedacinho de terra, a área da gente, aí tudo beneficia: a arrumar a água como a gente quer, tem o solo da gente, não vai ter vizinho incomodando, passando veneno” (Entrevistado 01, 2017).

Assim, agroecologia não consegue avançar no acampamento. A sua presença se restringe a alguns poucos quintais e hortas onde são cultivados produtos em sistema tradicional, contando com o conhecimento que os acampados possuem sobre o trabalho agrícola. A escola do acampamento, Caminhos do Saber, já desenvolveu projetos sobre o tema e construiu uma horta para trabalhar a agroecologia, mas os projetos carecem de continuidade. Diante disso, embora a agroecologia apareça como uma atividade importante para o autoconsumo das famílias, ainda não está acontecendo um processo de transição agroecológica, já que não há políticas públicas e ações do MST que contribuam diretamente para o seu avanço.

A situação do Assentamento Dorcelina Folador é diferente, o que, em parte, reflete a importância da conquista da terra para os camponeses. Um grupo de 10 famílias está em processo de certificação orgânica por meio da Rede Ecovida de Agroecologia. Um dos entrevistados destaca a importância da relação com a Ecovida da seguinte forma:

nós estamos iniciando nosso vínculo com a Rede Ecovida através da certificação, ela constrói os núcleos de produção agroecológica e temos acompanhamento, é importante através desse vínculo a relação com a Ecovida, o sistema que ela cria e os companheiros nos atendem, temos acesso às informações necessárias e é um método necessário *pra* manter a produção coletivamente num grupo, é importante e ajuda a organizar (Entrevistado 02, 2018).

A Rede Ecovida de Agroecologia se constitui com um ator fundamental para viabilizar a agroecologia na região Sul do Brasil, sendo um importante nó das Redes de Agroecologia (FINATTO, 2016). As famílias comercializam a produção na feira-livre e no mercado institucional - Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Os principais produtos comercializados são hortaliças diversas, mandioca e frutas (figura 01). A comercialização é fundamental para a composição da renda das famílias.

O cultivo da mandioca revela que a ajuda mútua, traço típico do campesinato, continua presente no campo. Um entrevistado exemplifica como a ajuda mútua acontece no Assentamento: “nós vamos entregar os 500 quilos [*de mandioca*] para um projeto [*PAA ou PNAE*], aí vão três pessoas lá em uma família e descascam os 500 quilos para entregar. Vão descascar mandioca, lavar, embalar, daí se não for um grupinho grande não dá conta (Entrevistado 03, 2018).

Figura 1. Produção de frutas e hortaliças no Assentamento Dorcelina Folador.



Fonte: trabalho de campo, 2018.

5 Conclusão

Embora a agroecologia seja parte do discurso político do MST, na prática dos acampamentos e assentamentos há dificuldade para a sua consolidação. Isso se deve ao fato de que o incentivo realizado pelo Movimento e por projetos de diferentes instituições, como as ONGs e universidades, não são suficientes para garantir a continuidade das ações em curso e estimular maior adesão na agroecologia. Se a agroecologia já está consolidada como estratégica para o autoconsumo e manutenção das famílias, ainda precisa se firmar enquanto alternativa para a geração de renda, como, aliás, já acontece em alguns.

Os acampados e assentados não têm condições de assumir, sozinhos, os riscos do processo de transição agroecológica, é necessário o suporte de políticas públicas contínuas e estruturais que garantam a viabilidade da produção aproveitando o potencial cultural e ecológico das áreas de reforma agrária.

Referências

FINATTO, R. A. Redes de agroecologia e produção orgânica na região Sul do Brasil. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, v. 38, p. 107 - 145, dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/42242>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

LEFF, H. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar. p.36-51. 2002.

PLOEG, J. D. van der. Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: PETERSEN, P. (Org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p.17-31.

Palavras-chave: agroecologia; campesinato; acampamento; assentamento.

Financiamento

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)